

# O Progresso Catholico

... sequor autem, et quo modo  
comprehendam...

RELIGIÃO E SCIENCIA  
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens meipsum  
ad destinatum persequor, ad bravium  
triumphi Ecclesiae... in Christo Jesu

AD PHILIP. 3. 12.

ID. 13. 14.

**G**OSTOSAMENTE cedemos o lugar d'honra da nossa Revista á MENSAGEM enviada pelo illustrado clero d'esta cidade ao venerando prelado bracarense por occasião do quinquagesimo anniversario da celebração da sua primeira missa. E' um documento altamente significativo, pois revela, d'um modo eloquente e energico, que o clero de Guimarães está perfeitamente unido ao seu bondoso superior hierarquico e faz inteira justiça á rectidão de suas intenções.

Eil-a:

Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Snr.

N'este faustissimo dia, em que se completam cincoenta annos, depois que V. Ex.<sup>a</sup> R.<sup>ma</sup> celebrou a sua primeira Missa, os conegos da Igreja e Real Collegiada de Nossa Senhora da Oliveira de Guimarães, o Vice-Reitor do Seminario, os Parochos e Presbyteros da mesma cidade, não podiam deixar de vir congratular-se com V. Ex.<sup>a</sup>, exprimindo-lhe os seus sentimentos de entranhado affecto e profunda dedicação e, ao mesmo tempo, os votos ardentissimos que todos endereçam ao ceo pela conservação da preciosa vida de V. Ex.<sup>a</sup> R.<sup>ma</sup>.

Hoje, Ex.<sup>mo</sup> Snr., veste de gala a Roma portugueza, a augusta cidade dos Arcebispos, para celebrar o jubileu sacerdotal de um dos seus mais insignes e benemeritos Prelados. E justissimos são por certos estes regosijos, todas estas manifestações de affecto ao venerando Arcebispo que a Divina Providencia se dignou conceder-nos e conservar-nos até este dia felicissimo. porque, sobre evidenciarem a veneração prestada pelas ovelhas ao seu dignissimo Pastor, ao Pastor que tão largos e abundantes beneficios lhes ha dispensado, exprimem tambem e testemunham de um modo eloquente quão firme es-

tá no espirito e coração de todos o sentimento de gratidão pelos beneficios recebidos.

Na longa serie dos Arcebispos de Braga, n'esse brilhantissimo cortejo, onde, a par da mais profunda sciencia, fulgem as mais bellas e extremadas virtudes, occupa V. Ex.<sup>a</sup> R.<sup>ma</sup> um lugar distinctissimo. O governo de V. Ex.<sup>a</sup> n'esta vastissima Archidiocese, posto que não conte ainda muitos annos d'existencia, é já sem duvida um dos mais gloriosos, dos mais ricos de benções, dos que mais tem sabido attrahir a si o respeito e a admiração de todos e por isso todos se sentem irresistivelmente impellidos a render testemunho de veneração e respeitosa homenagem ao seu insigne Prelado pelas excellentes virtudes que o exornam, pela profundissima sabedoria que o engrandece e pelo amor verdadeiramente paternal com que sempre acolhe ricos e pobres, grandes e pequenos, gratos e ingratos.

Os habitantes da muito nobre e augusta cidade de Braga quizeram assignalar o primeiro dia do anno de 1894, erigindo em honra de V. Ex.<sup>a</sup> um grandioso monumento, um monumento que, apesar de não ser de pedra nem de bronze, jamais

será carcomido pela acção destruidora do tempo: é que tem por base a gratidão e por cupula o amor filial que todos tributam a V. Ex.<sup>a</sup> R.<sup>ma</sup>. Permitta-nos tambem V. Ex.<sup>a</sup>, pela muita bondade que o caracteriza, que nós conjuntamente com os habitantes d'esta cidade contribuamos com o nosso respeito, obediencia, amor e gratidão, para que mais bello e esplendoroso fique este monumento.

Nós, Ex.<sup>mo</sup> Snr., agradecemos a Deus o haver permittido que se realisasse este faustissimo acontecimento e supplicamos-lhe que escute os votos que todos fazemos pela conservação *ad multos annos* da preciosa vida do nosso bondosissimo Prelado e, prostrados aos pés de V. Ex.<sup>a</sup>, beijando-lhe respeitosa-mente o anel, protestamos a nossa firme adhesão a todos os actos do justissimo e sapientissimo governo de V. Ex.<sup>a</sup> e rogamos-lhe nos abençõe a todos. E que esta benção, que humildemente imploramos, seja como que um penhor de paz n'esta vida e de bemaventurança na outra.

(Seguem as assignaturas de todos os conegos, Vice-Reitor, Parochos e Presbyteros de Guimarães.)

SUMMARIO: *Mensagem do clero Vimaranesense ao Ex.<sup>mo</sup> Rev.<sup>mo</sup> Arcebispo de Braga; Vimaranesenses!*, por Dom Antonio d'Almeida. —Secção Religiosa: *Milagres*, por P. —Secção Historica: *Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus, 92.<sup>o</sup>*, pelo Padre João Vieira Neves Castro da Cruz. —Secção Critica: *Bolsa*, por Dom Antonio d'Almeida. —Secção Necrologica. —Retrospecto: pelo Padre J. A. R. Junior. —Variedades: *Os pécegos*.  
**Gravuras:** *Leão X—Papa; Simoum; A contemplar a paisagem.*

## Vimaranesenses!

ENTRE os filhos mysticos da Santa Egreja de Deus a iniciativa para uma Obra catholica é tomada como sendo da iniciativa de todos. Um bom alvitre é tido como alvitrado por todos, seja o alvitrate, v. gr., de Lisboa, para que o alvitre se realice em Guimarães, ou vice-versa. O nosso humilde alvitre em si magno, cujo intuito por certo aceitareis *in anima* é a REALIZAÇÃO (EM VOSSA CATHOLICA E VETUSTA CIDADE, BERÇO DA NAÇÃO), DO PRIMEIRO CONGRESSO EUCHARISTICO!

Todo o Logar onde esteja Jesus-Sacramentado é apto para que a sombra do Sacratio se reúna o *Congresso Eucharistico*; e além d'esta absoluta condição, circumstancias especiaes assistem a Guimarães para que se possa realisar lá tão grande obra, baseada nos sentimentos catholicos, e na sua conhecida devoção a Deus Sacramentado.

Guimarães tem um pessoal seu, pio e sábio, para formar o *nucleo do congresso*, e dizemos o *nucleo* pois que os *Congressos* são collectividades numerosas, compostas de residentes e de afluentes de varias localidades, embora o convite para o Congresso seja feito da capital ou de outra cidade. Assim se deu com os *Congressos Catholicos* de Lisboa, Porto e Braga, e assim se dá em todos os paizes. E, de mais a mais, tem Guimarães *intra muros* elementos para formar um *Congresso Catholico*: possui uma Collegiada com o seu Dom Prior; um Seminario; um corpo de Clero; collegios com o seu professorado; uma corporação de Licenciados; uma classe de nobres, outra de negociantes de grosso ou miudo tracto, e outra de artistas. E' habitada por uma gente boa, a quem algumas individualidades de excepção deixam de ser sufficientes para a comprometter. Que mais é mister?... RESOLUÇÃO!

Concurso externo não faltará. O plano a seguir é assim: formar-se uma Commissão, e, formada que seja, ir a Braga e na veneranda presença do Senhor Arcebispo, Prelado Diocesano, apresentar por

ora a idéa da reunião do *Congresso Eucharistico* na cidade de Guimarães; approvada a idéa por Sua Excellencia Reverendissima, lhe será depois apresentado o *Programma* do mesmo Congresso, e depois virá a convocação d'este, que será um importantissimo impulso no serviço do Bem!

Sua Santidade recommenda os *Congressos Catholicos*, os quaes, abstractando mesmo de quaesquer consequências resultantes, são em si mesmos um factio catholico de muito valor!

Pense alguém como pensar, é certo que os *Congressos Catholicos*, já realizados em Portugal têm muito contribuido para esse movimento de Fé catholica que se percebe n'esta nação, embora não seja ainda aquelle que pôde e deve ser!

Seja o *alvitrado congresso* em Guimarães o *oitavo* na série dos *Congressos Catholicos* em Portugal.

E' que *Acto de Desaggravo* ao Sacramento da Eucharistia! Que excitação para os actos devotos para com a Hostia Consagrada! Que pedido de graças, de favores celestes e de misericordia! Que acção de graças! Que golpe no *indifferentismo* e na *impiedade*!

Fôra de Portugal os *Congressos Catholicos* são repetidos, não só todos os annos, mas até diversos dentro de cada anno. Depois do *Congresso Eucharistico* em Jerusalem já, e ha pouco, realiso o seu *Congresso*, em honra de Jesus Sacramentado, a nobre Hespanha. Verificou-se em Valencia e condignissimamente.

E' o mez de junho o mez, dito por antonomasia, *de Jesus*; e até lá tempo tem Guimarães para tudo bem ordenar, advertindo-se que todo o tempo é tempo para que se diga: «LOEVADO SEJA O SANTISSIMO SACRAMENTO!»

*Local*, para o Congresso não falta em Guimarães; pôde sel-o um dos seus maiores templos que de tal modo não será *profundado* e antes receberá *Culto* agradável a Deus. Em Lisboa realisaram-se com auctorisação do venerando Prelado diocesano *Congressos Catholicos* n'uma capella com as dimensões de igreja; assim em Braga n'uma igreja o segundo *Congresso Catholico*; em Roma tive tambem a dita

de me achar presente na *Basylca dos Santos Apostolos* n'uma academia Religiosa, em honra da Immaculada *Conceição*, academia que foi como um *Congresso*; a ella assistiu tambem, entre tantos, com muito respeito Mr. Gladston, actual chefe do Ministerio inglez.

E' de muita importancia que o *Congresso Catholico* vá correndo as diferentes cidades para que estas vão conhecendo *de visu* o que são e o que importam os *Congressos Catholicos*, e se amestrem os *futuros congressistas*.

Guimarães tem *iniciativa* e *firmesa* para traduzil-a em obra, assim o provou ainda ha pouco com o seu monumento á Veneranda Memoria de Pio IX. No interesse das cousas de Deus os *catholicos* são solidarios, e para realisal-os desaparecem barreiras ou fronteiras. A Egreja Catholica forma toda uma cidade, uma nação, e esta é a *Cidade, a Nação de CHRISTO*.

Assim o *Congresso* de Guimarães será *Vimaranesense*, será *Lusitano*, será *Universal*. O estado physico do venerando Senhor Arcebispo Primaz difficulterà talvez a S. Excellencia Reverendissima sair da séde do arcebisado; mas o digno Prelado pôde *delegar*, porém não nos cumpre dizer como.

O *Congresso Eucharistico* levará uma mui especial alegria e consolação a Sua Santidade Leão XIII; dirá O Papa: «Portugal de novo se affirmou christão pelas Chagas de Christo!»

Realizado o *Congresso* haverá quem diga: *Nunc demittis!*

E as despesas relativas? a modica joia dos *congressistas* será a fonte de receita para obviar ao dispendio, pois é bem de esperar que o concurso será numeroso. Em Lisboa, Porto e Braga, cidades onde até hoje se têm reunido em Portugal os *Congressos Catholicos*, não se fez questão *d'onde vinha a iniciativa*.

Faça-se o bem, é o que importa. Para o desejado futuro *Congresso* estão já promettidos valiosos concursos, que só esperam para se manifestar que o annuncio do mesmo *Congresso* seja conhecido com o seu *Ubi* determinado.

Da nobre Cidade de Guimarães foram recentemente convidados para uma *Peregrinação* ao sanctua-



LEÃO X — PAPA

rio de Lourdes os Catholicos em Portugal; a *Peregrinação* realizou-se e até com peregrinos dos Açores e Brazil, «graças ao Céu!»

Convidem agora os Vimaraneses para o *Congresso Eucharistico* a realizar-se na sua cidade como um novo testemunho de amor, adoração, e pia violencia de imploração à misericordia de Jesus-Sacramentado! E' mister restabelecer na sociedade o reinado de Nosso Senhor Jesu-Christo, e n'este Sentido será precioso esforço o *Congresso Eucharistico!*

Deus no Santissimo Sacramento do Altar é *Deus Todo de Misericordia e de Propiação ininterrupta* ante a Justiça de seu Eterno Pai, a favor da humanidade, da qual tomou a qualidade para nos remir e para que nos approximassemos «d'Elle» como em familia. Tão longe vai sua Humildade, sua Bondade, seu Poder Infinito!

*Vimaraneses!* Vossa fé catholica é capaz de vos fazer fortes para realizar a santa empresa que é reverentemente alvitrada n'estas linhas, e respeitadamente a Vós proposta n'estas regras. Deus se dignará ser convosco; por todo o universo de crença sereis applaudidos. *Vamos!*

Dom Antonio de Almeida.

## SECÇÃO RELIGIOSA

### Milagres

**N**ÃO os querem os sabios da moda. Tanto peor para os sabios.

Com os milagres iniciou Christo o seu reino e o continúa, com grande edificação de seus filhos, para quem os realisa, em tanto que os taes sabios, uns coitados, que infundem dó, proseguem à toa no deserto da vida, sem conhecerem um maná que a tantos alimenta.

Como uma rainha ostenta grave e magestosa os diamantes inapreciaveis da sua coroa e as flores de ouro no adorno de seu manto, a Igreja exhibe no thesouro riquissimo de suas graças os innumerados milagres que, em realce de sua dignidade, lhe concede como a rainha o seu divino Esposo.

No fim do ultimo seculo, diz o Padre Malignon, extranhos phenomenos se manifestaram nas imagens da Sancta Virgem em Italia. As imagens e os quadros pareciam animar-se: movimento dos olhos, fluencia de lagrimas, suores expressivos e maravilhosos, tornavam-se como uma revelação perenne, ora annunciando desgraças, ora

alentando esperanças. Instituiu o sancto Padre Pio VI uma commissão para examinar e descrever estes factos, realizados em presença das multidões, que concorriam de todas as partes do mundo. Os inqueritos e os depoimentos de mais de novecentas testemunhas confirmaram o que todos tinham visto.

Em memoria d'estas maravilhas, diz Vacant, foi instituida a festa de Nossa Senhora dos Milagres, celebrada pelos romanos a 9 de julho.

Em 11 de maio de 1850 e nos dias seguintes, uma imagem de Rimini, pintada em 1796 n'uma tela de 60 centímetros de altura e 72 de largura, attrahiu a attenção universal pelos prodigios n'ella realizados. O seu rosto mudava de posição e exprimia sentimentos diversos. Principalmente o movimento das pupillas era devéras surpreendente. Grande numero de espectadores presenciaram o facto, vendo-o no mesmo instante e da mesma maneira. Applicaram-se fitas sobre os olhos, tomaram-se rigorosas medidas para verificar não fossem os phenomenos menos effeitos da allucinação ou dos reflexos da luz. O bispo de Rimini promoveu um inquerito e, após as affirmações de um cento de testemunhas fidedignas, emittiu em 11 de janeiro de 1851 um decreto *que declarava a verdade do movimento das pupillas da Sagrada imagem.*

Estas manifestações sobrenaturaes são a alegria dos fieis.

Apontemos factos mais recentes.

N'um jornal dos Estados Unidos lê-se o seguinte, sob a epigrapha—*Milagre do Sagrado Coração de Jesus:* Consistiu o prodigio na cura instantanea e completa de uma consumpção tubercular na rotula do joelho. Josephina L., esposa de F. L., residente em Chicago, no predio n.º 6 de *Star Street*, parochia de S. Miguel, a cargo dos Padres Redemptoristas, era fervorosa zeladora do Sagrado Coração. Graças a seu zelo, centenares de pessoas se tinham inscripto na Liga do Apostolado da Oração, e o mesmo snr. F. L., sendo protestante, abandonára a errada seita e abraçara a fé catholica. Havendo a dita snr.ª Josephina L. sido accoimmittida d'uma consumpção tubercular na rotula do joelho, viu-se prostrada por longos quatro mezes, indo sempre de mal em peor. Extinguindo-se-lhe gradualmente o vigor da perna, inchou-lhe na parte lesada, inflamou-se, encheu-se de materia, causando violenta dor ao menor toque. A diagnose e o tratamento do medico assistente foram confirmados por outros facultativos, consultados sobre o assumpto, entre os quaes o doutor Senn, medico de não vulgar conceito em Chicago. Examinada a enfermidade no hospital de S. José, estes

notaveis clinicos, sob a direcção do mais illustre especialista em osteologia, decidiram ser imperiosa a necessidade da amputação, se parcial ou total não quiz decidir o doutor Senn, em quanto não descobriu o osso infermo. Estando imminentes os calores do verão, grande era o empenho em operar o mais cedo possivel, para o que foi chamado a Chicago o sr. L., áquelle tempo ausente da cidade por negocios importantes.

No decorrer d'estes successos a sr.ª L. valia-se confiadamente dos remedios do céu. A instancias suas os tresentos alumnos da eschola parochial principiaram uma novena ao Sagrado Coração de Jesus, ao mesmo tempo que inauguravam outra as Freiras Benedictinas de Stillawater, no Minnesota. A mesma inferma, sem embargo de não poder firmar o pé no chão, foi, apoiada em muletas, receber a sancta communhão, no ultimo dia de uma das novenas, pois a sua confiança na sciencia dos doutores era fundamentada na protecção de Deus.

Tanto que chegou o esposo, e consultado em ponto de tanta gravidade o R. Padre Weber, opinou este que só em caso de extrema necessidade se devia de permittir a operação.

Sobreteve-se pois ácerca d'esta; recorreu-se de novamente aos medicamentos; esgottaram-se os recursos da sciencia e da arte, sem a paciente sentir a mais insignificante melhora. Sendo pois inadiavel a operação, escolheu-se dia e hora para ella no hospital de S. José, que veio a coincidir com a conclusão das novenas feitas pelas Benedictinas. Momentos antes tinha a enfermeira applicado á perna uns ingredientes, e viu-a mais morta que viva, n'um tam ruim estado como jamais a vira. Mas deixando a sós a inferma, adormeceu esta mui placidamente, para, volvida uma hora, despertar sem em si achar o menor incommodo! Levantou-se, percorreu o quarto sem difficuldades, chamou pelo marido, e chegou elle, não queria crer o que lhe diziam os olhos: a perna, pouco antes contrahida e morta, recuperára saude completa, em tamanho e forma regulares. Eram cêrca das sete da manhã, hora da Missa e Communhão nas Benedictinas. O Sagrado Coração de Jesus attendera a prece de suas servas em favor da devota propagadora de seu culto.

No dia seguinte, destinado á operação, achando-se a sr.ª L. e seu esposo no hospital de S. José, ao reunirem-se os operadores, chamou áquelle de parte a cada um dos homens da sciencia e inquiriu-os sobre a urgencia da amputação. Declararam unanimemente ser o unico recurso para restituir a saude á

inferma. Levou-os então um após outro a examinar a doente, e todos tiveram de declarar, attonitos e estupefactos, que nenhum vestigio havia já da infermidade, realisando-se uma cura, inexplicavel para a sciencia!

Sucedeu a cura em 12 de maio de 1892.

Como explical-a naturalmente? Ainda suppondo lhe tivessem applicado remedios, deviam estes de actuar lentamente e levar mezes a obter um resultado definitivo. Dizer que a infermidade era um effeito do hystericismo é rechazar a diagnose e o juizo de doutores eximios como o illustre operador Senn. Attribuir a cura á força da imaginação, sobre ser-se contraditorio em face da affirmação dos doutores ácerca da inexplicabilidade perante a sciencia, é cair-se no absurdo e no ridiculo. A imaginação não pode curar-nos sequer ao menos de uma dôr de colica.

O nosso presado collega da *Palavra* archivou ha dias um facto que nos prende a attenção. Temos em favor d'elle o grave testemunho do collega, a par d'outros sobre modo auctorisados.

Vamos ao facto:

«Um nosso dedicado amigo, pessoa de toda a respeitabilidade, escreve-nos o seguinte:

«Quando estive, no mez de setembro, na Povoa de Varzim, era ali muito sabido um prodigio operado pela agua de Nossa Senhora de Lourdes; prodigio de que lhe não falei logo, porque os medicos affirmaram que não era duradouro. Agora, porém, que são passados quasi tres mezes, e o prodigio permanece, narro-lh'o para o amigo ter d'elle conhecimento e divulgá-lo, se o julgar opportuno.

«Estava alli gravemente doente uma senhora de Braga, a ex.<sup>ma</sup> snr.<sup>a</sup> D. Maria do Rosario Mendonça, esposa do distincto advogado, snr. dr. João Mendonça. Tão grave era a sua enfermidade que tres medicos de renome, dois de Braga e um d'alli, que lhe assistiam, poucos dias lhe davam de vida, e affirmavam que a infeliz senhora era victimada por uma tysica galopante.

«Foi isto por meado de setembro. N'esta conjunctura uma pessoa amiga lhe forneceu agua de Nossa Senhora de Lourdes, trazida por um dosromeiros que foram na peregrinação portugueza d'agosto, agua que ella tomou com muita fé durante dias, chegando tambem a lavar com ella o peito, mãos e pés, que estavam inchados. A inchação principiou a desaparecer, a febre a diminuir, e no dia 22 de setembro achava-se livre dos seus incommodos e dizia-se completamente curada.

«Os medicos declararam que aquillo era phenomeno desconhecido, mas não

duradouro, porém até hoje não desapareceu o phenomeno, a que todas as pessoas de fé chamam milagre, *phenomeno* que a doente attribue á agua de Nossa Senhora de Lourdes.

«Sei que uma pessoa religiosa trabalhava para conseguir attestados dos medicos, mas estes não se prestaram a isso.»

Mal comprehendemos o proceder dos medicos n'este particular. Terão pejo de se confessarem crentes? Ninguem porém lhes exige uma decisão ácerca do milagre, que incumbe a outras auctoridades superiores, mas simplesmente um attestado da diagnose antes de verificada a cura e da realidade d'esta pelo desaparecimento do mal.

Terão receio os medicos de que o sobrenatural lhes roube a clientela?

Um facto recente prende ainda agora na Italia a attenção da imprensa catholica e não catholica. No *Hospital dos peregrinos*, de Napoles, uma imagem da Sancta Virgem apparece refulgente de luz desde o dia 12 de dezembro ultimo. A credulidade viu logo alli milagre irrecusavel, os inimigos do sobrenatural viram uma *mistificação dos fiéis*, mas a fé illustrada, dirigida pelo insigne arcebispo, o Em. Cardial San Felice, viu um facto digno de attento exame, para o qual foi nomeada uma commissão competente, formada por theologos abalisados e outros homens de sciencia.

Aguardemos o *veredictum* da commissão, convictos de que, a haver sobrenaturalidade, é mais uma joia no thesouro da Igreja, já de si immensamente rico, embora attentemos somente ao augmento que ha tido no seculo actual. P.

## SECÇÃO HISTORICA

### Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus

(Continuado do n.º 20 do anno XV)

92.º

CC

#### P. José de Araujo

**E**STE religioso da Companhia de Jesus, nascido em Portugal, é pouco conhecido nos paizes estrangeiros, e até mesmo geralmente entre os seus nacionaes; e, contudo, é certo que teve grande reputação entre os theologos do seu tempo, nos meados do seculo passado.

Em consequencia d'isto, e por ser nosso compatriota, não devemos deixar de o mencionar n'este repositorio de homens illustres da Ordem de Santo Ignacio.

E tambem por certas circumstancias

que se dão na sua vida, é digno de ser aqui commemorado.

Nasceu o P. José de Araujo na cidade do Porto, no anno de 1680. Era filho de Pedro Moreira Porto e de Maria de S. João Benevides. De idade de 16 annos e alguns mezes resolveu abraçar o estado religioso na Companhia, entrando no noviciado de Lisboa a 10 de outubro de 1696.

Em seguida ensinou varias disciplinas e sciencias nos collegios da sua Ordem: rhetorica em Coimbra, philosophia no Porto e theologia em Santo Antão de Lisboa. Foi examinador das tres Ordens militares, qualificador do Santo Officio e confessor do infante D. Manuel, filho de el rei D. Pedro II. Exercceu este ultimo encargo até á sua morte, que succedeu em janeiro de 1759.

O jesuita José de Araujo deixou um curso de theologia em dois tomos *in folio*, em latim, que elle dedicou a D. João V, e que foi muito applaudida e estimada no seu tempo. Escreveu tambem em favor do sigillo sacramental.

Os auctores contemporaneos, estranhos á Companhia, lhe chamam mestre sapientissimo, digno filho de Santo Ignacio, notavel em doutrina e no conhecimento dos Santos Padres.

Como já dissemos, o P. José de Araujo era confessor do infante D. Manuel, filho de D. Pedro II, e por conseguinte tio de D. José I. Corria o anno de 1758, quando Sebastião José de Carvalho, depois marquez de Pombal, era ministro da corôa e tinha toda a influencia e poder sobre o rei.

Alem do P. Araujo havia no paço mais quatro jesuitas que gosavam da confiança da familia real, e que toda a nobreza e povo amava, sem que ninguem os accusasse de infidelidade no seu ministerio. Estes jesuitas eram: o P. José Moreira, confessor do rei; o P. Thimoteo de Oliveira, instructor dos infantes; Jacintho da Costa, confessor de D. Pedro, irmão do rei; e Manuel de Campos, confessor de D. Antonio, tio do rei.

Estes cinco religiosos, que a familia real e o mesmo monarcha estimavam, de repente foram retirados do paço por suggestões e intrigas do marquez de Pombal, acerrimo inimigo da Companhia de Jesus e famoso patrono do jansenismo.

Estes e outros jesuitas, que o marquez de Pombal primeiramente fez expulsar do paço calumniando-os deante do rei, foram depois quasi todos, a 11 de janeiro de 1759, encarcerados, como cumplices d'um crime que elles ignoravam.

O P. José de Araujo, de quem nos occupamos (omittindo o que respeita aos outros), não chegou a ser preso,

porque, caindo perigosamente enfermo, morreu em breves dias.

Só nos resta dizer que elle é designado por muitos escriptores, *inclusive* Crelineau Joli, sob o nome de *Aranjues*. O seu verdadeiro nome é José de Araujo. Tinha 79 annos de idade, e era um sabio respeitado na côrte, caritativo e piedoso.

CCI

## P. Braz Gisbert

Nasceu em Cahors (França) no anno de 1657, e distinguiu-se na Companhia de Jesus pela sua doutrina, piedade e eloquencia na cadeira evangelica: pré-gou com muito fructo em varias cidades do reino.

Passou os ultimos annos da sua vida no collegio de Montpellier, onde morreu a 28 de fevereiro de 1731. O P. Braz Gisbert deixou varias obras muito interessantes e curiosas, de instrucção, historia e critica. Merece especial menção a sua *Arts de educar un princip* e a sua *Eloquencia christã*.

Que bem governados seriam os povos, se os governantes seguissem as lições que n'aquelle livro lhes dá o jesuita Gisbert!

Convem advertir que ha um outro sabio jesuita, do mesmo nome e da mesma familia: é João Gisbert, que morreu em Tolosa, em 1711. Deixou varias obras em theologia, muito auctorizadas entre os moralistas.

E' este ultimo que a cada passo vemos citado pelos theologos. O mesmo Dupin insuspeito o elogia.

(Continúa)

P.\* João Vieira Neves Castro da Cruz.

## SECÇÃO CRITICA

## Bolsal

(Continuação do n.º 22 do anno XV)

V

**A** *Bourse du travail* em Pariz é um antagonismo entre o Governo francez e o Conselho Municipal de Pariz; e, se o não foi logo, está hoje pronunciado positivamente como vamos tornar conhecido.

O Governo reprimiu os recentes sanguinosos motins na capital da França e fechou a *Bourse du travail*, conservando-se o edificio da *Bourse* occupado e guardado militarmente, mesmo depois de terem retirado as tropas a quartéis de outros pontos, que occuparam por motivo d'aquelles tão graves disturbios.

O Conselho Municipal de Pariz, cuja maioria é da *nata revolucionaria*, sustenta sua protecção declarada aos bolsistas

*desordeiros*, e foi n'este sentido que aquelle Conselho, em sessão do dia 10 de julho passado, decidiu por maioria e sobre proposta de M. Vailant, elevar de 75:000 francos a 150:000 dos mesmos a subvenção á *Bourse du travail*, additando á sua proposta o argumento de «que, se o Governo se apposou da *Bourse du travail* e a tem fechada e occupada militarmente, *cette Bourse n'en existe pas moins.*»

E o prefeito do Sena, que representa lá o Governo como auctoridade para annullar ou propôr do Governo a annullação das divisões d'aquelle Conselho, foi desattendido por aquella decisão. Ainda outro *chèque* da parte do nomeado Conselho, dado ao Governo; na mesma sessão da referida corporação municipal pariziense, depois de uma longa disputa, e embora os esforços do prefeito do Sena em contrario, foi adoptada pelo Conselho a proposta do conselheiro municipal, Pierre Baudin, para que fosse convilado o povo de Pariz a não se associar aos festejos de 14 de julho, com os quaes é *officialmente* festejada a tomada da Bastilha e *glorificada* a Revolução, e isto como protesto contra o Governo por as suas deliberações para suffocar a ultima *revolta* passada em Pariz. O Conselho Municipal de Pariz quer e esforça-se por ser *Status in statu*.

Os Municipios são uma instituição importante, porem no *Modernismo* muito têm exorbitado seus representantes e comprometido os Verdadeiros interesses municipaes. Quanto ás *Bolsas do trabalho* em Lisboa e Porto, embora e por agora *não experimentadas* são já reputadas pelo bom e hem reflectido senso *uma calamidade!* O Governo *creou-se* mais um elemento de contrariedade *d boa governação*, ficando-lhe o *prazer* de ter dado aos amigos de errada amisade pelos operarios um rebuçado de assucar avariado ou envenenado, não obstante os sentimentos pessoaes dos Governantes não sejam *homicidas*.

A falta de seriedade no modo de encarar *as cousas* leva, como resultado, a consequencias funestas; isto verifica-se *hoje* mui frequentemente n'essa *Sociedade de lumes*, e ainda mais que frequentemente: é a situação *moderno-social*. O *Modernismo* é o *contra o christianismo*, e este é obra de Deus! *Aquelle* tem feito e está fazendo muitos males entre os homens; ganha victorias ephemerias, porem a victoria—victoria tem sido, é, e será sempre, do *christianismo*—*Christus vincit*, Christo é Invencivel! Insistamos em proclamar esta verdade, a qual, como tudo que é verdadeiro, se irraizaisa no Todo Poderoso; tal insistencia conforta os bons, dá abalo salutar aos indifferentes, confunde

os impios; e os *bolsistas revolucionarios* serão obrigados a embolsar ou reembolsar seus intentos *em sua bolsa de Judas*, que é a *bolsa da traição*. Os *traidores* abundam n'estes tempos, e são estes todos aquelles que enganam o Povo com suas falsas doutrinas, procurando fazel-as passar como verdadeiras pela palavra e pelo escripto, e tão faltos de honestidade que se soccorrem ainda á *pornographia* e esta tão descarada que fez gritar *Jules Simon: Aqui d'El-Rei!*

As *Bolsas do trabalho* estão julgadas, embora *certos teimosos* estejam resolvidos a morrer na teima, para não dar seu braço a torcer: a *vibora* os matará!

Dom Antonio de Almeida.

## SECÇÃO ILLUSTRADA

E' nos impossivel dar-lhe logar n'este numero, reservando-nos para cumprir o nosso dever em o n.º seguinte.

R.

## SECÇÃO NECROLOGICA



**E**STÁ de lucto S. Eminencia o Senhor Cardial, Bispo do Porto, por fallecimento de sua sancta Mãe, excelso modêlo de virtudes, a quem Deus privilegiou com filhos de particular benção. Pedimos as orações dos leitores e tomamos parte na justa saudade de S. Eminencia.

—Lucto igualmente pesado contrista o Ex.º e R.º Sr. Arcebispo de Gôa, Patriarcha das Indias Orientaes, cujo regresso á Europa entrou nos designios do Altissimo para que o filho extremosissimo pudesse receber o ultimo alento d'uma mãe exemplarissima e nossa benemerita assignante.

—Na casa da Costariça, em Cervães (Villa Verde) deu o espirito a Deus, em 3 do corrente, D. Josepha Domingues d'Oliveira Bacellar, mãe dos benemeritos sacerdotes, Padre José Joaquim da Silva Bacellar e conego Manuel José da Silva Bacellar. D'uma familia onde a virtude tem foros imprescriptiveis, viveu os seus setenta e oito annos levando a vida como quem a considera uma antevespera do céu. A' prompta recepção de sua corôa de gloria auxiliem-na as preces fervorosas dos leitores e as lagrimas sentidas dos filhos,

a quem abraçamos cordealissimamente em sua incomparavel dôr.

D. P.

### Talis vita finis ita

D. Maria Ermelinda Pedro Nogueira já não existel A fouce implacavel da morte a arrebatou da companhia de todos os seus!

recolhia a sua casa n'este logar e frequentia de Quiaios.

A finada aqui conquistou a estima e a adoração (permitta-me que assim me explique) de todas as pessoas, as quaes durante mez e meio que esteve doente fizeram uma *romaria* à casa, perguntando pela sua saude.

Conheceu ella perfeitamente a gravidade da doença, mas para não affligir quem lhe assistia, nem uma pa-

dia!... Meu Jesus!... vós que me creastes!... recebei a minha alma». Beijava tambem o Sagrado Escapulario do Carmo e a medalha do Sagrado Coração de Jesus.

Meia hora antes de fallecer perdeu a fala, mas as palavras entrecortadas que se podiam perceber, mostravam que conversava com Deus e com sua Mãe Santissima, e sem um arranco, nem qualquer tregeito a sua bella alma



SIMOUM

Mas como? morreu como viveu.

A sua vida foi um conjunto admiravel de todas as virtudes christãs; a sua morte um exemplo vivo da morte do justo.

No collegio do Paço do Conde, onde chegou a ser mestra exemplar, chamavam-lhe o anjo litular da casa, e com muita saudade de todas as empregadas e discipulas saiu, com sua mana D. Maria da Conceição Pedro Nogueira, em 1887, para casa de seu tio, meu especial amigo, Monsenhor Manoel Cardoso Figueiredo Nogueira, Prior da Magdalena em Lisboa, que com licença

lavra disse que revelasse impaciencia, apesar de serem muito alanceantes as dôres que soffria.

A 15 de dezembro recebeu o Sagrado Viatico com grande devoção e piedade, e em 27 á noite recebeu a Extrema Uncção. A sua agonia, que durou desde as 10 horas da noite de 27 até ás 7 da manhã de 28, foi das mais edificantes que se tem presenciado.

Em quanto pôde beijava, levando aos labios, o crucifixo que tinha nas mãos, a quem dirigia muitas vezes estas palavras: «Meu Jesus misericor-

saiu de seu corpo, deixando-lhe nos labios o sorriso dos anjos; e Jesus, que ella tanto amava na terra, a recebeu para lhe dar o premio de suas virtudes no ceu. Paz á sua alma.

D'este modo cumpro um dever de gratidão á finada pelo muito que me fez em vida, em casa de seus paes em Coimbra, quando principiei os meus estudos, á memoria d'estes pela amizade que me consagraram em vida, a seu tio e mana pela estima que sempre me teem dado, considerando-me como pessoa de familia. A estes envio os sentimentos da minha condo-

lencia, e aos bondosos leitores do *Progresso Catholico* peço uma prece pela sua alma.

Quiaios, 2—1—94.

*Padre Antonio Ribeiro de S. Miguel.*

## Nossos collegas

Felicitemos o *Novo Mensageiro*, *Domingo Catholico*, *Revista Catholica* de Vizeu e o *Commercio do Minho*, por seus anniversarios, e muito penhorados agradecemos as palavras amigas que nos dirigiram alguns collegas pela entrada de nossa Revista em seu decimo sexto anno. Em 3 do corrente liamos no bem redigido jornal *A Palavra* «ser o *Progresso Catholico* uma excellente revista religiosa, que vem prestando relevantes serviços á causa que defende com tanta competencia e dedicação. Revista extremamente barata—pois, sendo illustrada, apenas custa 800 reis por anno—é digna de ser coadjuvada pelos catholicos, que, adquirindo-a, introduzem em sua casa um bom jornal, que pode ser lido por todos, sem distincção de idade e de sexo.»

Archivamos jubilosamente estas benevolas expressões, sendo nosso unico e vivissimo empenho convertel-as em perfeita realidade.

## RETROSPECTO

Foi uma surpresa que deixou as mais gratas impressões. Bem mereciam aquella consagração cincoenta annos d'uma vida sacerdotal immaculada, toda cheia de generosidade para com os homens e de merecimentos para o ceu.

Os leitores perceberam já que me refiro á brilhante e entusiastica manifestação de que foi alvo o Ex.<sup>mo</sup> e Rv.<sup>mo</sup> Sr. D. Antonio José de Freitas Honorato, venerando Prelado d'esta Arquidiocese, no primeiro d'este mez, por occasião do quinquagesimo anniversario da celebração da sua primeira missa.

O que ha de mais distincto em Braga ali concorreu a prestar as suas respeitadas homenagens ao bondoso arcebispo.

Damas e cavalheiros, alguns dos quaes da primeira nobreza, autoridades, clero e muitos populares encheram o vasto salão dos retratos no paço arqui-episcopal, para terem a satisfação de

saudar o nosso venerando chefe e pai espiritual.

O virtuoso sacerdote José do Egypto Vieira, digno director da officina de S. José, de Braga, cuja inauguração, em casa propria, se fazia n'aquelle dia, o ex.<sup>mo</sup> conego Nunes, do cabido bracarense, e o ex.<sup>mo</sup> conego Cardoso, da Collegiada de Guimarães, leram calorosas mensagens nas quaes vibravam frémitos de entusiasmo e de amor pelo illustre primaz das Hespanhas e de adhesão a todos os actos do seu por tantos titulos glorioso pontificado. O rev.<sup>o</sup> Sebastião Leite, benemerito fundador e director da officina de S. José, no Porto, fez, em frase alevantada e sentida, o elogio das muitas e excellentes virtudes do illustre e bondoso pastor da diocese bracarense.

Foram commoções de mais para o paternal coração do Sr. D. Antonio. Quando Sua Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> quiz agradecer aquellas filiaes e sinceras felicitações dos seus devotissimos diocesanos, as lagrimas embargaram lhe a voz e só pôde dizer nos, n'um impeto de amor e de bondade, tam peculiares ao seu caracter, que se não achava expressoens com que traduzisse o reconhecimento. que lhe ia n'alma, ao menos tinha coração em que perduraria para sempre, inalteravel e viva, a gratidão por estas manifestaçoens. Sim, nós o crémos, bondoso pastor, e, n'esta firme convicção, nos prostramos reverentes para receber a benção, que vos dignastes conceder-nos como penhor da vossa palavra. E siamos da Providencia divina, a quem humildemente o pedimos, que nos dará forças para nunca nos tornarmos indignos dos sentimentos que, a nosso respeito, enchem o vosso coração paternal.

Salvé dia 1.<sup>o</sup> de janeiro de 1844!

Viva o illustre e bondoso Arcebispo de Braga!

*Ad multos annos! ad multos annos!*

Saiu um pouco extensa a noticia precedente, não é verdade? Pois, tenham v. ex.<sup>as</sup> paciencia. O coração alguma vez ha de mandar. E eu tinha o meu tam cheio das agradaveis impressões d'aquelle dia, que já o não podia repressar mais. Trásbordava. E não era sem razão, porque aquella festa foi tam intima, tam de familia, que a gente saiu de lá commovida com a nobre attitudedo bondoso prelado. Não houve lá quem visse a olhos enxutos a emoção que o dominava, quem não comprehendesse toda a nobreza d'aquelle venerando character, toda a intensidade do affecto com que ama os seus subditos.

E sob o dominio d'este sentimento perguntava a gente a si mesma como é que ousava uma orgulhosa rebeldia

assetear aquelle bondoso coração, imputando-lhe culpas que não tem, chamando-o a responsabilidades que lhe não tocam?

Mau filho, rebelde, insolente e deshumano é o que amargura o coração d'um bom pae rasgando-o a golpes traçoeiros de calculada maledicencia e, por ventura, de calumnias vergonhosas. Assim o comprehendeu o illustrado clero do arciprestado de Villa Nova de Famalicão, que acaba de depôr nas mãos do sr. Arcebispo um eloquente protesto contra os ataques que, por meio da imprensa, lhe têm sido dirigidos por um padre de Braga, conego, e professor no seminario d'aquella cidade.

Bemhajam. Cumpriram o seu dever de subditos, desaggravando, por uma forma tam solemne e eloquente, a affronta feita ao seu superior hierarquico, e cumpriram tambem um dever de filhos, que o são e bem amados de tam carinhoso pae. Folgo de vêr que o protesto por mim exarado no ultimo—*Retrospecto*—encontra imitadores e tam autorisados.

Parabens pela sua nobre attitudel Viva o digno clero de Villa Nova de Famalicão!

Cumprir notar que este facto é tanto mais significativo quanto é certo que o alludido conego chegára a ter n'aquelle arciprestado uma certa importancia, que se tornou nulla desde que o seu indigno procedimento lhe alheou as simpatias dos que n'elle se confiaram.

Bem merecido castigo. Desejava vê-lo applicado a outro padre e tambem conego, (valha-me Deus... estes emplumados...) que, segundo leio nos jornaes, se propõe candidato a par do reino electivo por um dos circulos do sul, se me não engano. E' o sr. dr. Boavida, superior do seminario de Sernache do Bomjardim.

Se eu fosse eleitor n'aquelle circulo, far-lhe-ia toda a guerra que podesse, porque, sendo sua ex.<sup>a</sup> um padre que está nas boas graças do *Seculo* e d'outras gazetas *ejusdem furfuris*, não pôde merecer a confiança dos catholicos. Demais, a sua campanha anti-patriotica contra os frades missionarios estrangeiros, cada um dos quaes vale mais em serviços a Portugal do que sua ex.<sup>a</sup> em prosapias (no que, aliás, é eminente) é indicio de que, no parlamento, ha de ser um empecilho ao restabelecimento das ordens religiosas.

Castiguem-n'o, pois, snrs. eleitores, pondo-o fóra da liça. Cumprem assim um grande dever de patriotismo.

Uma boa noticia. Consta que o clero d'um dos circulos eleitoraes mais importantes d'este districto se combinára



para retirar o maior numero possibile de votos a um padre, que sendo deputado na ultima legislatura, fez no parlamento um discurso mais ou menos escandaloso em que, começando hipocritamente por confessar-se amigo de frades, terminou desabridamente por attribuir-lhes factos caluniosos, isto no caso de sua rev.<sup>a</sup> se propôr por accumulção, como é d'esperar.

E' um exemplo digno de ser imitado em todos os circulos, e aqui expresso o meu voto de que todos os meus collegas no sacerdocio o tomem na devida conta, assegurando-lhes o meu firme proposito de procurar, quanto em mim caiba, que elle se torne lei geral. E' preciso pôr fóra de combate, como os mais perigosos e damninhos, estes tipos bifrontes, que passam a vida no louco empenho de servir a Deus e à *pianha*.

Não pareça a ninguem que eu sou demasiado severo ou audaz nas minhas apreciações. Desde que os factos sobre que ellas recáem são do dominio publico, desde que os arguidos, por seus actos e palavras, escandalisaram a parte sensata e catholica do paiz, perderam todo o direito a que se use com elles de commiseração, e nenhum principio de caridade nos obriga ao silencio sobre a sua conducta. Antes a verdadeira caridade está em prevenir os incautos, para que se não deixem illudir por falsas apparencias.

Autoridade para dar sentenças, sei de sobra que a não tenho; mas conto com a força da verdade, que vale bem mais que a autoridade de muitos sabios desorientados. E fiquemos n'isto.

Pois ha mais que dizer, e a jornada vai mui adeantada. Ora, eu por cousa nenhuma deixarei de fallar da brilhante festa que, ha pouco, levaram a effeito as religiosas residentes no hospital da V. O. Terceira franciscana, d'esta cidade. Porque aquillo merece menção honrosa e ha de tel-a da minha parte.

As boas irmans dirigem ali uma escola de meninas mui frequentada e tiveram a feliz lembrança de ensaiar entre ellas uma agradavel diversão dramatico-litteraria, dando-lhe uma fórma encantadoramente singela, como a que mais convinha para impressionar corações infantis, e recheando-a de conceitos profundamente christãos, sublimes como as grandes virtudes que inspiram, generosos como os desinteressados heroismos que geram nas almas. Amor da virtude, desprezimento da terra, dedicção para com o proximo, perdão das injurias, espirito de abnegação e de sacrificio, resignação publi-

me, heroismos inimitaveis, tudo ali estava em germen, n'aquella singelinha composição, em que, por assim dizer, se retratava a alma da verdadeira educadora—a mestra christian e congreganista.

Da comprehensão dos papeis e da sua execução pelas gentis meninas faltem as lagrimas que orvalharam os olhos de quantos ali estavam no decorrer das scenas mais pateticas. Não se póde exigir mais, nem sequer esperar tanto. Assim o comprehenderam os assistentes saudando com entusiasmo a religiosa ensaiadora.

Parabens ás boas irmans. Receba-os tambem o meu bom amigo e illustrado commissario da V. O. T. franciscana, rev.<sup>o</sup> Gaspar da Costa Roriz, que, embora modestamente occultasse a parte que teve n'aquella eloquente manifestação da educação religiosa, não póde tam facilmente occultar a satisfação, que lhe enchia a alma, e, certamente, muito contribuiu para que ella attingisse um tam elevado grau de brilhantismo.

Avante, bom amigo, avante, não receie que o alcunhem de *jesuita e reactionario*, porque bem sabe que as vozes de... certa gente não chegam ao ceu.

A alma inundada de gratas impressões, o coração estuando de consoladoras esperanças, deixei o vasto salão de S. Francisco e, cá fóra d'aquelle pequenino Thabôr, onde me não tinham seguido as baixezas do mundo, recordava-me, como d'um pezadello terrivel, dos attentados anarquistas, tam numerosos e de tam funesto resultado, nos ultimos tempos, e perguntava a mim mesmo se os auctores e perpetradores d'aquelles crimes horrorosos teriam sido educados na escola da caridade christian, no amor das sans virtudes do catholicismo. E o meu espirito revoltava-se contra uma tal supposição, porque lhe repugnava aceitar que d'uma fonte tam pura e tam limpida dimanassem os deletorios principios dos demolidores da ordem social existente.

E então, remontando-se ás origens do mal-estar da sociedade moderna, anatematisava o perfido liberalismo, que tendo proclamado como dogma irrefutavel a absoluta independencia da razão humana, é o verdadeiro, o unico inspirador de todos os attentados, de toda a anarquia, de todas as desordens que se alastram pelo mundo.

E, contemplando o estado decadente dos costumes, indignava-se contra os romancistas venaes, contra os poetas devassos, contra a imprensa impia, vendida ao diabo e à maçonaria, como o—*O Seculo*—o—*O Primeiro de Janeiro*—, etc., os quaes prérgando incessantemente a immoralidade e propa-

lando calumnias contra tudo o que é catholicismo, têm a principal culpa da desgraçada situação dos povos.

E dilatando-se com a bem fundada esperança de vêr ainda a sociedade regenerada pelos principios santos do catholicismo, sentia-se animado a apostrofar os governos das nações, bradando-lhes: «Quereis ter cidadãos ordeiros e honestos? Dai lhes escolas como a de S. Francisco, dai-lhes mestres e mestras religiosos, e tereis salvo a sociedade, porque tereis salvo a familia.

Mas, como se quizera cortar cerce nas minhas esperanças e fazer-me entrar o desanimo na alma, apparecia-me a noticia, que vejo reproduzida em jornaes seriissimos, de que o governo de Madrid, aterrado com a frequencia dos attentados anarquistas e, especialmente, com o do parlamento de Paris, ia vedar com redes de arame as tribunas do parlamento hespanhol destinadas ao publico, para evitar que os deputados fossem victimas d'alguma explosão semelhante á que victimou o deputado francez e catholico, o valente Padre Lemire.

E então reconheci que os governos liberaes, de qualquer matiz que elles sejam, não querem entrar no unico caminho que podia salvar a humanidade—o da regeneração pela escola catholica—e que o liberalismo, alem de ser impio e essencialmente anti-religioso, é tambem sufficientemente estúpido e ridiculo, e inapto para produzir o mais insignificante bem. As aguas amargas d'esta fonte nascida das proprias entranhas do pae da mentira, jámais encontrarão proféta que as tempere e adoce. Nem todo o sal da terra bastaria para isso. E' fonte maldita que póde e ha de estancar, mas cuja natureza não muda, porque o mesmo seria que o diabo converter-se em anjo da luz e da verdade.

Qui habet aures audiendi, audiat.

P.<sup>o</sup> J. A. R. Junior.

\* \* \*

*Sonho de Humberto.*—E' sonho, mas parece historia. E' sonho que a imprensa narra, mas com visos de se ter sonhado. *El Siglo Futuro* apresenta-o como extrahido d'uma correspondencia de Roma; archivemol-o pois no *Progreso Catholico*, conscio de que se não é uma prophécia, é narração anticipada de acontecimentos analogos, actualmente por vir, mas seguramente vindouros.

A titulo de curiosidade, vamos ao sonho: «Disse Humberto aos que o rodeavam que no dia 3 do mez findo se recostara para dormir, com a mente

preocupada de grandes manobras militares.

«Como se estivera desperto, viu-se á frente d'um exercito enorme, de mais de um milhão de soldados, que se estendiam desde a Porta Pia até além de Mentana. Dispostas as tropas a darem batalha a um exercito invasor, assistia á derrota d'ellas pelo inimigo que

«Convulso, sem atinar o que fazer, começou a evocar seu pae Victor Manuel, e abriu-se a enorme cratera do Vesuvio, ejaculando fumo espesso, e após alguns momentos poisar-lhe em cima um triangulo onde vinham sentar-se por sua vez Victor Manuel, Garibaldi e Cavour, Mazzini, e outros que

garam ao rio, e pararam a contemplar horrorisadas as aguas que ameaçavam engulir aquelle exercito, levado, no rio, para o mar, onde uma horrivel tempestade, no estreito de Messina, destroçava a armada, impellindo os seus melhores navios, o *Italia*, o *Rei Humberto*, o *Duilio* e o *Dandolo*, para as *Lipari*, em quanto outros na-



A CONTEMPLAR A PAIZAGEM

avançava, ao qual não detinham o passo nem os montes nem os rios.

«Comprehendendo a inutilidade de oppor-se a essas forças invasoras, que avançavam impellidas por uma horrorosa tempestade de relampagos e trovões, resolveu retirar para o campo de Annibal, immensa planicie entre Frascati e Albano, e alli, subindo Humberto á torre de *Roca di Papa*, observava o exercito invasor, que n'essa vasta planura não deixava pedra sobre pedra, derrocando casas e palacios, á excepção de um que se destacava no horisonte.

vendo-se tambem entre elles *uno che altro prete*. A esta visão parecera tran-

quillizar-se o rei Humberto, que ia a chamar seu pae quando este lhe fez signal para se calar, e apontando o rio Caronte, que trasbordava por ambas as margens, lhe dizia: *Toglie questa via*. «Affoutamente obedece Humberto com seu exercito, e como attrahidos por um iman poderoso, em breve se encontram ao pé d'esse rio, onde todos se precipitam, julgando-se salvos, no momento em que as tropas que lhes iam no encaicho com terrivel furia, che-

vios seguiam para onde se afogava o rei e o seu exercito.

«Tomado de invencivel pavor, voltou os olhos ao Vesuvio a clamar por seu pae, mas este e os companheiros haviam desaparecido.

«Afflicto, exclamou: «Sancto Padre! salvai-me!

«—*Figlio; è tardi!*

«Crendo-se Humberto juncto de Caribdis soltou um grito.

«—*Madonna!!* exclamou Margarida sua esposa, *Humberto que tens?*»

Não parece tudo isto o horoscopo da

Italia, attendendo-se á politica adoptada e á punição infallivel de todos os inimigos da Igreja?

Napoleão, o homem da guerra, que fazia curvar a Europa a um acceno, ao ver-se fulminado pela bulla *Quam memoranda* de Pio VII, de 10 de junho de 1809, flogiu tomar o caso de brincadeira. E' certo porém que jamais pôde lograr socego de dia ou de noite, e n'uma de suas impaciencias ordenou ao sr. de Champagny lhe colleccionasse todas as excommunhões. Até aquella data eram trezentas e noventa e oito as excommunhões emitidas pela Igreja, e *todas ellas produziram seu effeito*. Como desforço á excommunhão de Pio VII, segundo o testimonho do Cardinal Pacca, dissera Napoleão *que as excommunhões não faziam cair as armas da mão dos seus soldados*. Fizeram. Aquella celebre campanha da Russia, que Napoleão jamais comprehendeu, foi mais uma severa lição dada ao perseguidor de Pio VII, aos perseguidores de Pio IX e Leão XIII. A 9 de maio de 1812, diz Baraud, o imperador, sempre triumphante, sá d'um palacio onde não mais devia entrar senão depois de vencido. Eil-o á frente de seis centos e cincoenta mil homens; tem sob seu mando oito monarchas, os quaes afluem a Dresde a tributar-lhe homenagem ao passar n'aquella cidade. Era porém o momento das justicas de Deus. *As armas vão cair das mãos dos soldados francezes! O ceo ratifica a excommunhão do Vigario de Christo*. A 9 de junho, emtanto que Napoleão atravessa a Prussia, o Papa é transportado violentamente da Savona para Fontainebleau. Não-se os desastres de Moscov, Smolensk, Beresina e Niemen. Os francezes viam-se em lucta não com os exercitos, mas com os elementos. «Tudo, até as armas, afirma uma testemunha presencial, se voltavam contra elles. Em seus braços, «hirtos de frio, pareciam um peso enorme. Nas quedas frequentes escapavam-lhes das mãos, para se quebrarem ou ficarem enterradas no gelo. Se os soldados se levantavam, «viam-se sem armas: a fome e o frio impossibilitava os de sustentarem-nas. «A muitos, gelavam-se-lhes os dedos «ao contacto da espingarda, que lhes «roubava o movimento necessario para «conservarem um resto de calor e de «vida.»

«Todo aquelle grande exercito ficou reduzido a vinte mil homens, errantes, fugitivos, sem viveres, sem vestidos, sem armas!»

Se Deus puniu assim a Napoleão, usará de caricias com Humberto? Não é de crer, visto que o rei do Piemonte se não acolhe á divina misericordia.

Aquelle horrido sonho pode ser pois

um facto, annunciador d'um futuro que não vem longe.

Na ilha de Santa Hellena, maior castigo ainda de Napoleão, castigo de seis annos de degredo, pensava com o general Bertrand o vencido de Waterloo: «Não foram os homens que quebraram o meu sceptro, mas sim o Deus Todo Poderoso. Bem louco fui em deixar-me ofuscar por meus brilhantes successos! A historia de dezoito seculos devêra ter-me provado que todo o poder humano se vai quebrar de encontro ao rochedo de S. Pedro! O ANTIGO DEUS ESTÁ SEMPRE AHI PARA ANIQUILAR OS OPPRESSORES DO SEU REPRESENTANTE NA TERRA!»

Esperemos. O desenlace da tragedia que ha meio seculo se representa na Europa hade ter um desenlace tremendo.

## VARIEDADES

### Os pècegos (1)

UM distincto personagem tinha um filho unico, esbelto, gentil, formoso de corpo, e formoso de alma, que vale mais.

Com tam preciosas qualidades havia o joven de merecer as sympathias de todos. Consagrava-lhe o pae um terno, um prudente, um esclarecido affecto, mas, diga-se com franqueza, não um affecto cego.

Com funda magua um dia veiu a conhecer que o filho elegera para companheiros uns taes rapazes, semelhantes na idade, mas diametralmente oppostos em sentimentos. Foi tamanho o receio do pae, quanto inexperiente e descuidosa era a innocencia do filho. Com o mais paternal desvelo tracta de apartar o filho d'aquelles pouco agradaveis socios e, a prevenil-o, cita o nome de alguns.

Escuta-o o filho respeitadamente, e aos conselhos do pae responde mui senhor de si: «Não tenha receios, meu Pae; se os companheiros não são exemplares, eu espero exercer n'elles boa influencia.»

Não socegado o pae, toma a resolução de convencer o filho de tal arte que claramente venha a abrir os olhos. N'este intuito vale-se d'um gracioso ardil, cujas consequencias deviam de ser o effeito desejado: enche uma pequena caixa de formosos pècegos d'oiro e purpura, deixando entre elles alguns em começo de apodrecerem.

Chama o filho e diz-lhe: «Aqui tens, filho, um mimo que te offereço. Bem vê: como teu amigo nunca me esqueço de ti.» O filho acceita agradecido o presente, examina o alegre e attento, mas em vendo alguns fructos meio po-

drres, exclama entre maguado e triste: «Oh! mas ha aqui alguns em mão estallo; que lembrança, meu Pae, junctar na mesma caixa fructos bons e fructos máos?»—«Não te lamente antes de tempo; espera um pouco; has de ver como os fructos bons farão desaparecer as manchas dos que estão damnificados»—«Pelo contrario, objectou o filho, o que vai acontecer é serem os podres que prejudiquem os sãos.»—«Mas vamos a experimentar.»

E para experimentar, o pae desanda a chave á caixa e guarda-a cuidadosamente.

Pouco tempo depois, já o filho vem a importunar o pae, que abrisse a caixa, que examinasse os pècegos, que tudo por certo estaria em condições de se lançar ao monturo.

—Ainda não, meu filho; mais um pouco de paciencia; breve te darei a chave para que tu mesmo vás ver a belleza da experiencia.

Emfim, chega o dia desejado. O manco recebe a chave e corre pressuroso a abrir a caixa. Oh desgraça! Aquelles esplendidos fructos perderam a côr mimosa e a fragrancia delectavel, exalando agora um cheiro que tresanda e ostentando um aspecto nauseabundo! Choroso pelo desastre, não se contem o filho que não exclame: «Eu bem o sabia, meu pae, e bem o preveni a tempo! Não quiz attender-me, o resultado é este desgosto que aqui está!»

«Meu filho, tudo isso o fiz de proposito. Quiz eu mesmo que a podridão dos máos se communicasse aos bons, para que me attendesses tu, e me acreditasses, quando te lembrei te apartasses das más companhias. Eutão me diseste que não havia perigo para ti. Ora eu te affirmo, que uma ovelha tinhosa apega a doença ao rebanho inteiro, e os máos corrompem os bons, quando estes lhes não evitam a companhia. Tu choras a perda d'esses bellos fructos, mas essa perda é insignificante e repara-se com facilidade: se porém estragares o coração com as podridões de taes companheiros, como se ha de remediar o mal?»

E' ponto claro: um entretenimento indiscreto e perigoso com uma serpente foi a causa do primeiro peccado original: Eva era pura e innocente antes de abrir conversa com Satanaz, e se em vez de parar juncto da arvore tivesse fugido cautelosa, provavel é que não caisse em peccado. O inimigo das almas compraz-se em ver um joven ou uma donzella com uma má companhia: conta logo a victoria por segura e ri-se das resoluções e das promessas quando se não corta pela occasião do mal.

*Quem não fugo ao perigo morre no perigo*, diz o Espirito Sancto. O demónio, como leão rugidor, voltêa de con-

(1) Do Conego Schneuwly.

tinuo a nosso lado, aneoso de encontrar a quem devore. Astuto, põe todo o cuidado em conhecer o logar mais fraco por onde possa atacar e ferir o homem. Contenta-se, a principio, com leves arranhaduras, impellindo a faltas veniaes. Costuma lançar imperceptiveis os primeiros laços; logrando prender um dedo, quer logo apossar-se da mão, e não socega emquanto não tenha captivo o homem. Todo aquelle pois que deseje conservar a innocencia e a pureza, acautele-se dos perigos, fuja diligentemente das más companhias. Ensinna claramente o Espirito Sancto «que ninguem se deve ligar com o ocioso nem com o enfatuado em vaidades, temeroso de que venha a tomar seus vicios e a perder sua alma.» Não ha dia que não vejamos a triste realidade do proverbio: «Dize-me com quem andas, dir-te-ei as qualidades que tens.» O prudente desvio das companhias com quem se damnifiquem a virtude e a innocencia, é o meio mais conveniente de prevenir a ruina da gente moça.

E os homens notoriamente perdidos não são os unicos a exigir nossas precauções. Facilmente vos afastareis de quem sem reboço fala contra a religião e os bons costumes; ha porém seductores encobertos que, refinadamente maliciosos, encobrem com astucia as suas criminosas intenções. Bem sabem que a mostrarem-se na sua nudez, taes quaes são, seriam repellidos e odiados; por isso, com apparencias de delicadeza, occultam seus damnosos projectos; não atacando de frente as sanctas maximas da religião, limitam-se a louvar os habitos, as modas, os prazeres do mundo, lisonjeando assim as viciadas inclinações da natureza corrompida, infiltrando gotta a gotta no coração do moço e da donzella um veneno fatal.

Outras vezes, maisinam desdenhosamente o proceder dos educadores, acoimando-os de rigorosos em coarctar a juventude os prazeres da vida. Assim se vai o coração fascinando a pouco e pouco, e quando menos se espera vê mol-o prisioneiro nas armadilhas que lhe teceram. Não se fugindo ás más

companhias, insensivelmente vai perdendo o amor á virtude e á innocencia.

Ah! não cessemos de repetir-o: fuja-se de todas as pessoas que por sua indifferença religiosa, por seu amor desregrado aos prazeres do mundo, por suas palavras equivocas, suas canções obscenas poderiam levar a malicia á alma. A innocencia, uma vez perdida, perdida fica para sempre.

Convem ainda chamar a attenção para outra especie de corrupção, outro perigo n'estes tempos tam frequente—os mãos livros, as más leituras, cuja inundação flue por toda a parte. «Os mãos discursos, diz a Escriptura, corrompem os bons costumes,» e estas palavras dos livros sanctos não são menos verdadeiras, applicadas ás publicações de má doutrina, seductoras mudas, que se introduzem no palacio dos ricos e no albergue dos pobres, para arredar os corações da virtude e precipital-os no vicio. Esses escriptos perigosos induzem a duvidar-se da revelação e da lei divina, disfarçam o crime, e, sob cores attrahentes, são a ruina da modestia e o tumulo da virtude. Muitas vezes, um só olhar lançado a um mão livro, a uma leitura indiscreta, a um periodico liberal, basta para expôr uma alma a graves e serrios perigos. Mais de um condemnado ao inferno poderá dizer: «Uma má leitura foi o primeiro anel d'esta cadeia com que o demonio me segura n'este abysmo de perdição.» Sinto ainda o coração trespassado de dôr ao recordar-me d'uma menina que instrui para a primeira communhão, cuja vida, por muito tempo, foi devéras irreprehensivel. Era assidua em frequentar os sacramentos, e eis que de repente tudo se mudou, não sendo já a mesma pessoa. Agora, só procura as vaidades; a oração, os deveres de christã são-lhe um fardo e raramente se vê á sagrada Mesa. Que phenomeno aconteceu? D'on-de esta inesperada mudança? Ah! havia na casa um mão jornal com folhetins d'um pestifero romance. A menina fechava se no quarto para não ser incommodada, e todos os dias lia avidamente aquelle jornal. Essa desgraçada

leitura destruiu-lhe gradualmente no coração o temor de Deus para o substituir pelo amor das sensualidades.

Conta uma notavel legenda que na morte de Christo, ao rasgar-se o veu do templo, ouviu-se uma voz que dizia: *Partamos, vamos-nos d'aqui!* Eram os Anjos do ceo, guardas do templo—, desde esse momento elles o abandonaram. Pois bem! quando pela leitura de um mão livro o templo da nossa alma é profanado e a innocencia destruida, ouve-se uma voz que diz: *Partamos, vamos-nos d'aqui!* Sim, a paz da consciencia, o amor da oração, a frequencia dos sacramentos, a confiança em Deus, na Sancta Virgem, nos Anjos e nos Sanctos, tudo foge, tudo desapparece com a innocencia da alma.

Sancta Thereza perdeu sua mãe aos dôze annos, o que para ella foi um terrivel golpe, de que proveiu alterar-se a sua piedade por algum tempo. Educada por esta boa mãe, não tinha lido senão livros bons. Ao ver-se porém sem esta guia preciosa, caíram lhe nas mãos uns livros perniciosos, e impellida pela curiosidade, percorreu-os, e leu sobretudo romances, que para tanta gente são a causa do terrivel naufragio da fé. Não tardaram para Thereza os funestos effeitos de tam má leitura. A sua piedade e o seu zêlo pelas coisas de Deus, diminuiam visivelmente; dia a dia era menor o amor de Deus e mais sensível o amor do mundo e das suas pompas. Entrou n'ella o fatal desejo de ver e ser vista. Mais tarde, n'uma visão em que Deus lhe fez conhecer o inferno, alli pôde ver o logar que lhe estava reservado, se não mudasse a tempo e seriamente do errado caminho que levava. Com effeito, Thereza não resistiu á graça; converteu-se; fez penitencia, e chegou a um alto grau de perfeição.

Afastai para longe de vós quanto possa diminuir o amor a Jesus Christo. Tenha-se a todo o instante presente que ninguem pode servir a dois senhores. Lembremos-nos da historia dos pècegos e gravemos no coração e na mente a formosa licção que ella nos offerece.

## O PROGRESSO CATHOLICO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE CADA MEZ

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Continente portuguez e Hespanha, 800 reis—Ilhas, o mesmo preço, sendo feito o pagamento em moeda equivalente á do continente—Provincias ultramarinas e paizes da União Geral dos Correios, 15000 reis—Estados da India, China, e America, 15280 reis, moeda portugueza—Numero avulso 100 reis. Edição de papel de luxo, mais 200 reis.

**As assignaturas são pagas adiantadamente, por um ou meo anno.**

Tudo o que se refere á redacção, incluindo troca de jornaes, seja enviado a

Manuel Maria Fructuoso—Rua da Alegria, 6—GUIMARÃES

Tudo o que pertence á administração seja dirigido a José J. da Silva Guimarães—rua de Gil Vicente, 64—GUIMARÃES.